INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS BRASILEIRAS: UMA APLICAÇÃO DO "MODELO DE UPPSALA"

Leonardo Trevisan
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O processo de internacionalização de empresas obedece a dois quadros teóricos: o econômico e o organizacional, segundo a proposta de Hemais e Hidal (2004). Dar prioridade aos aspectos econômicos na decisão de internacionalizar atende às análises de tendências macroeconômicas, tanto nacionais como internacionais, com preocupação voltada ao equilíbrio da balança de pagamento e às paridades cambiais. Por outro lado, privilegiar o organizacional implica dar maior espaço no processo decisório aos dados "comportamentais" da firma" e menor às decisões de caráter econômico. A escola que privilegia aspectos comportamentais na decisão de internacionalização atende ao "modelo de Uppsala", em que a decisão de internacionalizar está localizada no desenvolvimento interno da empresa e no uso de conhecimento sobre mercados estrangeiros. Para esta linha, a decisão de internacionalizar é sempre "incremental" e começa na abertura de vias de exportação, estabelecimento de subsidiárias até a decisão de internalizar processos produtivos. Em outra perspectiva, a "teoria dos custos de transação", analisa o impulso para a internacionalização a partir das próprias atividades da empresa, sejam as relacionadas com o mercado, sejam as relacionadas à sua estrutura. Nessa linha, Willianson (1975) mostrou aspectos envolvendo custos de transação, com duas variáveis, a do ambiente e a do comportamento humano. A primeira observaria a incerteza e a complexidade dos negócios e a segunda atenderia às determinações de racionalidade e oportunidade para a tomada de decisão de internacionalização. Williamson desenvolveu a teoria de custos de transação em duas vertentes, a da internalização e a do paradigma eclético da produção internacional. A primeira, implementada nos trabalhos de Rugman (1981), analisa as falhas de mercado, custos de informação, oportunidade e especificidade de ativos que levariam empresas à decisão de internacionalizar por investimento direto e não licenciamento por etapas. Nesse caso, exportação é só ponto de partida para o investimento direto no exterior. O paradigma eclético está sustentado em três fatores: a vantagem específica da propriedade das firmas no exterior; a propensão natural a internalizar mercados, e a atratividade da localização da produção no exterior. Dunning (1997) revisou o conceito de paradigma eclético para incorporar aspectos associados à globalização. Primeiro,vantagens da propriedade em alianças estratégicas para conquista de novos mercados e da localização, destacando a integração espacial das atividades em rápida mudança . Depois, destacou que empresas internalizam produção para reduzir custos visando metas de competitividade. Analisar esse processo teórico é produtivo quando confrontado com casos práticos de internacionalização de empresas brasileiras. É importante notar que apesar de todas as pressões das questões cambiais, as internacionalizações de empresas brasileiras bem sucedidas foram as que seguiram o roteiro teórico da escola de Uppsala e não as que balizaram a decisão de internacionalizar pelos "custos de transação". O caso da Marcopolo, empresa gaúcha fabricante de carrocerias de ônibus, presente em nove países, incluindo China, Rússia e Índia, é relevante nesse processo. A empresa fechou 2007 com receita líquida de R$ 2,12 bilhões, expansão de 21,6% sobre 2006, produção internacional de 17.890 unidades no ano passado, representando fatia de 7,1% do mercado mundial. A direção da empresa comunicou à imprensa em fevereiro de 2008, mudança de estratégia, com "diminuição das exportações de kits para a montagem das unidades fora do Brasil que passam a buscar em seus mercados locais peças e partes para os veículos, iniciando um processo de global-sourcing", uma nacionalização da produção nos países em que a Marcopolo já atua, porque a empresa quer que "suas controladas sejam independentes" (Cigana, 2008). Esse processo caracteriza formalmente decisões do "modelo de Uppsala", definindo com ênfase o perfil "incremental" de sua decisão de internacionalizar a produção.

Referências

CIGANA, C., "Marcopolo muda foco no exterior", in Gazeta Mercantil, edição de 27 de fevereiro de 2008, pg. C1.
DUNNING, J. H., The ecletic paradigm of international production: a restatement and some possible extentions, Journal of International Business Studies, Basingstoke, 1988.
HEMAIS, C., e HIDAL , A ., *O desafio dos mercados externos*, Rio de Janeiro, Mauad, 2004.
RUGMAN, A. m., *Inside Multinationals: the economics and internal markets*, New York, Columbia University Press, 1981.
WILLIAMSON, O., *Markets and Hierarchies: analisys and antitrust implications*, New York, The Free Pres, 1975.